



CRÓNICA

CÁ POR MIM

Alice Vieira



A MEMÓRIA APAGADA

Hoje, pela primeira vez na minha vida, sinto-me velha.

Tenho o telemóvel na mão e estou há horas a olhar para ele sem saber o que fazer. Acabo por largá-lo, aqueles para quem eu queria ligar já não me vão atender - e, para além deles, já não há mais ninguém capaz de entender a minha não sei se fúria, não sei se raiva, não sei se impotência. A minha - isso sei - grande tristeza.

Dói-me esta perda de memória que vai atacando a nossa sociedade a um ritmo cada vez mais vertiginoso.

Acabo de chegar da Escola Francisco Arruda, onde acho que já não entrava há mais de 40 anos. Óptimas instalações, tudo a cheirar a novo.

A escola Francisco Arruda foi o "sonho" de um homem chamado Calvet de Magalhães, um dos maiores pedagogos deste País que, nesses anos 50 da sua fundação, a transformou num oásis de educação e de cultura. Pioneiro de muitas causas (a integração de alunos deficientes foi uma das suas grandes lutas) foi, sobretudo, um animador cultural num tempo onde o desânimo imperava. A escola estava então rodeada de bairros de lata e, todos os sábados, ele abria as portas a toda a comunidade. E havia exibição de filmes, palestras, ateliers de olaria, histórias contadas aos miúdos, etc. Era uma maravilha ver aquela escola cheia de gente, que a considerava sua. Hoje isso pode parecer habitual, naquele tempo não era.

O Prof. Calvet foi ainda fundador da Associação Portuguesa para a Educação pela Arte, que durante anos manteve uma actividade regular, destacando-se a publicação de uma coleção de histórias infantis, sempre ilustradas pelos meninos da Francisco Arruda. E aí se integrava a organização de um concurso, a nível nacional, chamado "O Natal Visto pelas Crianças", a que o Diário de Lisboa se associava.

É aí que eu entro - a fazer a ligação entre as reuniões do júri e a publicação dos textos nas páginas do jornal.

É difícil entender hoje a importância desse concurso. Para já, o júri era de peso: para além do Prof. Calvet, como organizador, José Gomes Ferrei-

ra, Matilde Rosa Araújo, Maria Lúcia Namorado, Alice Gomes, Rocha de Sousa, António Domingues. E eu, na verdura dos meus 18 anos, a ouvi-los, a aprender com eles, a rir muito com eles. Vinham caixotes de textos do País inteiro, as reuniões eram prolongadíssimas e duravam muitos dias - mas eram sempre uma festa. Lia-se cada texto como se fosse candidato ao Prémio Nobel - e quando se chegava àquela altura dramática dos 11 anos, em que os meninos já estão formatados pela escola e dizem todos os mesmos lugares comuns e era difícil encontrar um melhor que outro, a voz do Zé Gomes: "ó Matilde leia lá em voz alta que, na sua voz, tudo é uma maravilha!"

Depois um dia, de repente, o Prof. Calvet de Magalhães diz-me: "no sábado vais ler histórias aos miúdos lá na minha escola." Pensei que estava a brincar comigo, eu nunca tinha escrito uma história na minha vida, nem me lembrava de alguma vez ter contado histórias fosse a quem fosse. Ri-me, fiz-me desentendida, mas ele: "sábado de manhã, não faltes!" E lá fui. Sei que escrevi uma história mas não me lembro de mais nada, a não ser de me ver diante de um ginásio a transbordar de gente, e eu num palco, em frente de um microfone a tentar ler o que levava escrito numas folhas de papel.

Lembro-me que levava um vestido cor de laranja. Lembro-me de ter ouvido muitas palmas. E lembro-me do Prof. Calvet a dizer: "para a semana cá te espero".

Foram as primeiras histórias que escrevi, para muitos daqueles sábados de festa, que se prolongaram por muitos anos.

O Prof. Calvet foi director da Francisco Arruda até à sua morte: na turbulência da revolução, quando começou de repente a ver a "sua" escola transformada, e no ar a ameaça de deixar de ser seu director, não aguentou e suicidou-se.

O Prof. Calvet de Magalhães faria em Março cem anos. E eu sempre pensei que, no seu centenário, o País lhe fizesse a homenagem que ele merece. Mas Março passou - e nada aconteceu.

Então pensei que possivelmente a Escola se teria encarregado disso.

Mas a Escola nem sequer tem uma placa com o seu nome em lado algum. Nem o seu nome foi dado, como seria de toda a justiça, à biblioteca. Entra-se ali e é como se ele nunca tivesse existido.

E eu chego a casa a pensar nesta falta de memória colectiva - e peço no telemóvel para dizer à Matilde, ao Zé Gomes, à Maria Lúcia, à Natércia Rocha, ao Mário, à Maria do Sameiro, "vocês já viram que ninguém se lembrou do centenário do Prof. Calvet?", mas não digo, porque já todos morreram, e eu fico, entre as paredes da minha sala, sem saber com quem partilhar raivas e mágoas. E sem saber o que fazer no meio deste silêncio vergonhoso.

